

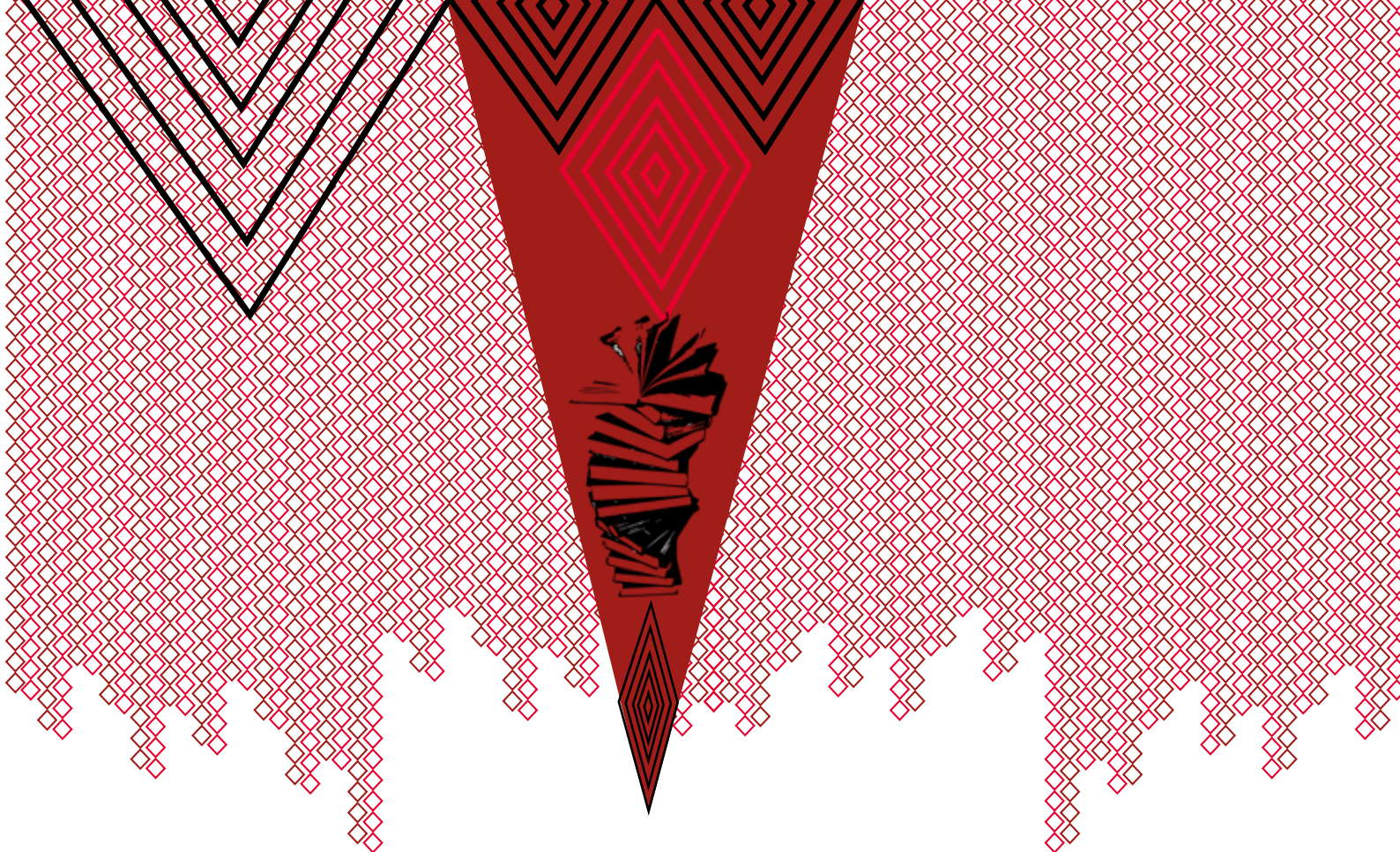


Ilustração: Adobe Stock

O coordenador pedagógico e a formação de professores em contexto multicultural e plurilíngue: notas para uma agenda de trabalho

Ana Katy Lazare Gabriel

EMEF Gilberto Dupas – DRE Fregueisa/Brasília



*O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos,
invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância.
Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar.
Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva. Inclui.*

Eliane Brum

Introdução

A crescente inserção de estudantes migrantes internacionais na Rede Municipal de Ensino aponta para a importância de didática específica, baseada no acolhimento, equidade e que valorize as culturas e línguas maternas dos estudantes. Por essa razão, esta pesquisa tem por tema a atuação

do coordenador pedagógico como agente articulador, formador e transformador (GOUVEIA; PLACCO, 2015, p. 70), uma vez que ele se responsabiliza, junto com o professor, pela qualidade da aprendizagem dos estudantes. Baseados nas propostas da pedagogia crítica e decolonial



e nos conceitos de Educação em Direitos Humanos e interculturalidade (WALSH; CANDAU; SACAVINO,

2013), foram propostos encontros formativos a fim de problematizar a didática de ensino para estudantes de diferentes nacionalidades, culturas e falantes de diferentes idiomas.

Justificativa

Ao acompanhar as aprendizagens, fui informada que havia estudantes com rara interação social, falta de comunicação e possível distúrbio da fala.

Tratava-se de estudantes brasileiros, sendo a estudante L. filha de bolivianos e B. filho de chineses, cujos pais não falavam português. Após intervenção, conclui que a falta do domínio da língua impedia a comunicação e interação.

Metodologia

A pesquisa baseia-se nos estudos da autoetnografia, na qual múltiplos níveis de consciência se manifestam e requer múltiplas camadas de reflexividade (ELLIS; BOCHNER, 2000). Além disso, busca a compreensão e a interação entre pesquisador e demais indivíduos, entre a sociedade e o contexto microsocial, investiga e analisa

as diversas formas de ação por meio de observações e intervenções em meios sociais, (THOLLENT, 1988). Assim, participam desta pesquisa a coordenadora (autora desse texto) e duas professoras (LL e FP) do Ciclo de Alfabetização da EMEF Prof. Gilberto Dupas, durante o primeiro bimestre de 2022.

Os encontros formativos

Alicerçadas na legislação vigente¹ e nas Orientações Pedagógicas do Currículo da Cidade: Povos Migrantes que asseguram o acesso, a permanência e a terminalidade a

estudantes migrantes internacionais, foram propostos encontros formativos para problematizar a didática de ensino em contexto multicultural e plurilíngue.

¹ Legislação vigente selecionada para esta pesquisa: a Constituição Federal (Art.5º e 6º), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Art. 53º ao 55º), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Art. 2º e 3º), Lei da Migração (Art. 3º e 4º), Lei Brasileira de Refúgio (Art. 43º e 44º) e a Política Municipal para a População Migrante.

Na primeira etapa, conheci os estudantes e seus familiares a fim de entender qual nível de conhecimento do idioma eles possuíam e o quanto isso os impediavam de interagir. Diante disso, soube que estudante B. e seus pais só falavam chinês e que estudante L. era filha de bolivianos e não falava bem o português, mas falava espanhol fluentemente, o que descartou a hipótese de dificuldade na fala. Embora estivéssemos com estudantes que falavam línguas distintas, espanhol e chinês, o processo de acolhimento e promoção de integração social se daria pelo viés de propostas de uma “pedagogia outra” com base na interculturalidade que propiciasse momentos de trocas culturais e linguísticas entre todos envolvidos no processo, conforme explicam Walsh, Oliveira e Candau (2018).

Na segunda etapa, para sensibilização sobre deslocamentos, respeito à diversidade e recusa à intolerância, foi proposta às professoras a leitura do livro “Eloísa e os bichos”, pois esta história apresenta as dificuldades no processo de integração em

espaço onde tudo e todos são diferentes. Após a leitura, a professora L.L. expôs que relacionou a personagem principal a sua estudante e refletiu o quanto seria difícil estar na situação de integração forçada. Concomitantemente, a professora F.P. buscou entender a alfabetização em língua chinesa e formas de interação na cultura chinesa, a fim de encontrar formas de ensinar a língua portuguesa. Vale acrescentar que foram utilizados aplicativos de tradução nas aulas e bilhetes bilíngues para comunicação com os pais.

Na terceira etapa, foram realizadas leituras e interlocuções sobre migrações forçadas, especificidades no ensino e atividades de acolhida e integração de estudantes migrantes. Após as formações iniciais, as professoras ofertaram atividades integradoras, com base no interculturalismo que ressalta as diferentes formas de aquisição do conhecimento, das culturas e línguas que compartilham o mesmo tempo e espaço, propiciando troca de saberes.

Considerações finais

Ainda que incipiente, os resultados revelam que as formações propiciaram às professoras o desenvolvimento da competência intercultural, a sensibilização em relação aos deslocamentos forçados, o respeito à diversidade e a recusa à xenofobia. Os encontros promoveram propostas educacionais que contribuíram para a construção de uma “[...] educação outra, não mais baseada na legitimidade da razão moderna como único referente do conhecimento” (WALSH; OLIVEIRA; CANDAU,

2018, p.9), e sim, uma educação pautada num currículo decolonizador, no qual todas as vozes são ouvidas e todas as histórias e formas de conhecimentos são consideradas. Foram evidenciadas práticas acolhedoras e socialização dos estudantes com todos da escola. Além disso, suas práticas, voltadas à integração de todos, priorizaram a acolhida, trocas linguísticas e culturais que contribuíram para legitimar a valorização das diferenças, o acolhimento e a integração de estudantes migrantes.

Referências

CANDAU, V. M. F.; SACAVINO, S. B. Educação em direitos humanos e formação de educadores. **Educação**, v. 36, n. 1, 15 fev. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12319/8741>. Acesso em: 14 maio 2022.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000. p. 733-768.

GOUVEIA, B.; PLACCO, V. M. N. de S. A formação permanente, o papel do coordenador pedagógico e a rede colaborativa. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S (org). **O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Povos Migrantes: orientações pedagógicas**. São Paulo: SME/COPED, 2021. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/Curr%C3%ADculo-da-Cidade-Povos-Migrantes-WEB.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.

WALSH, C.; OLIVEIRA, L.F. de; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Arquivos analíticos de políticas educativas**, v. 26, p. 83. 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874/2102>. Acesso em: 14 maio 2022.

